



NANA NENÉM

Uma história de horror amazônico.

Newton Rocha
(Tio Nitro)

Nana Neném

*Eu vi a Morte, a moça Caetana,
com o Manto negro, rubro e amarelo.*

*Vi o inocente olhar, puro e perverso,
e os dentes de Coral da desumana.*

(“A Morça Caetana e a Morte Sertaneja”, Ariano Suassuna)

Naquela noite, o conjunto de galpões e casas que a madeireira Akusai construíra no coração da Floresta Amazônica parecia um cadáver coberto por uma mortalha feita de chuva. Uma Kombi se aproximava, deslizando em meio a um rio de barro avermelhado que supostamente seria a estrada entre a reserva Mamirauá e a cidade de Tefé. Suja pelo barro amazônico, ainda podia-se distinguir, na lateral do veículo, a cerejeira estilizada da multinacional Akusai.

Dentro da Kombi, enquanto o motorista Sérgio com seu surrado uniforme verde-cáqui da madeireira procurava algum lugar para estacionar, Amaya Tanabe, em um prático jeans sob uma blusa rosa decorada com rosas avermelhadas, agarrava com medo os pacotes das compras que fizera em Tefé. Desde que viera para o Amazonas, a jovem mulher de descendência oriental nunca tinha visto a estação de extração da madeireira em silêncio. Os enormes tratores amarelos estavam parados, e centenas de troncos de madeira jaziam espalhados pelo acampamento. Isso era estranho, pois os madeireiros da Akusai tinham que agir rapidamente enquanto valesse a liminar que os permitiam extrair o raro mogno da reserva de Mamirauá. Seu marido Yasuichi, que estava em São Paulo a negócios tinha prometido que nada aconteceria com a estação madeireira, pois a Akusai tinha gastado muito dinheiro para comprar um senador e alguns deputados federais. Mas, o estranho silêncio e a

inesperada escuridão do caro complexo madeireiro causavam medo e ansiedade em Amaya. Ela só pensava em seu filho, Ichigo, que ficara na estação sob os cuidados da creche da madeireira.

__Fique tranquila, Dona Amaya. Deve ter alguma explicação... Tem que ter... __ exclamou o motorista, tentando confortá-la. Era um mulato alto e forte, recrutado pela empresa entre a população ribeirinha da região. Como seus companheiros na madeireira, Sérgio antes protegia a floresta, trabalhando na reserva florestal de Mamirauá. Por muitos reais a mais, o mulato agora fazia parte do progresso que transformava a selva em dinheiro. Sua aparência rude contrastava com a de Amaya que, como uma nissei paulista de compleição física frágil e cabelos negros cortados ao estilo Chanel, não parecia estar adaptada ao ambiente selvagem à sua volta. O motorista também estava apreensivo. Algo estava

muito errado, a madeireira funcionava interruptamente, dia e noite.

Sérgio saiu do carro e sacou sua pistola. Era uma Taurus PT-100 que o senhor Yasuichi havia lhe dado quando o promoveu para ser seu motorista particular. A arma se fazia necessária, pois a Akusai atraía o ódio de muitas ONGs e das populações ribeirinhas que viviam nas margens do Médio Solimões. A região também era muito perigosa, com frequentes roubos e assassinatos realizados por ladrões de madeira. A chuva recebeu o motorista de maneira implacável. Tenso, Sérgio ignorava as gotas d'água. "Será que a madeireira foi atacada? Será que o bando do Manco passou por aqui?", pensou o motorista, lembrando-se do maior contrabandista de madeira da região. Em seguida exclamou:

__Fique no carro, Dona Amaya. Tem algo estranho acontecendo... Eu vou só dar uma olhada e já volto.

__ Eu vou com você! Quero ver meu filho!__
Amaya respondeu em prantos, com seu sotaque de nissei paulistana. Em sua mente uma tempestade de arrependimentos espelhava a violência da chuva amazônica que martelava a Kombi. Ela não devia ter saído de São Paulo para acompanhar seu marido nesse trabalho.

Ela tinha confiado nele. Filha de um produtor de hortaliças da pacata cidade de Mairinque, uma colônia japonesa do interior de São Paulo, conheceu Yasuichi quando ela tinha vinte e poucos anos, quando o executivo havia visitado alguns familiares distantes que moravam no lugar. O confiante executivo a conquistou com sua seriedade e seus belos e raros olhos castanhos claros, herdados de sua mãe brasileira.

Depois de apenas um ano e meio de namoro, os dois se casaram e, com certa apreensão, Amaya o acompanhou para viver em São Paulo. O nascimento do seu filho Ichigo aliviou um pouco a solidão que sentira vivendo na metrópole. Ichigo também tinha olhos castanhos claros, como seu pai. Olhos que quando pousavam em Amaya, enchiam o seu coração de esperança e espantavam o isolamento que sentia em São Paulo. Ela praticamente não tinha amigos, e dedicava-se exclusivamente aos cuidados de seu filho. Quando Yasuichi disse que seria transferido para as operações da Madeireira Akusai na Amazônia, Amaya inicialmente rejeitou a ideia. Como ela poderia levar um menino de seis anos para viver no meio da floresta?

Yasuichi disse que seria muito mais seguro viver na pequena vila construída pela Akusai do que morar em São Paulo. E que seria por pouco tempo, por dois

anos no máximo. E que ele ganharia mais dinheiro do que em dez anos de trabalho em escritório. Em depois desses dois anos, Yasuichi seria um dos candidatos ao cargo de presidente da filial brasileira da Akusai. Ela não podia ir contra os sonhos do seu marido, e pelo futuro de Ichigo, aceitou acompanhá-lo.

Porém, desde que chegara à Reserva Mamirauá, uma sombra encobriu seu coração. Tudo era ruim, o calor infernal, os incontáveis pernilongos, as cobras que teimavam invadir a sua casa, a chuva constante que caía quase todos os dias e a lama que parecia sujar até mesmo as almas das pessoas. Nada ficava limpo por muito tempo, a terra vermelha entrava por todos os lugares. Como se a floresta teimasse em dizer que eles não eram bem vindos ali.

O fato de que seu marido vivia viajando para o Japão também não ajudava; no momento Amaya estava vivendo sozinha na madeireira, apenas com seu

filho Ichigo. Por causa do alto cargo de Yasuichi, nenhum dos funcionários da madeireira se aproximava muito dela. Apenas Sérgio era gentil, mas Amaya tinha dúvidas até que ponto sua gentileza fazia parte de sua obrigação profissional. Ichigo era sua única alegria em meio ao inferno verde. Se ele estivesse bem, tudo valeria a pena. O menino não tinha se adaptado à vida na floresta. Ele se assustava com tudo, com os barulhos da floresta, com os animais, com os insetos. Só se acalmava jogando as pilhas de videogames que seu pai trazia de suas viagens. Porém quando o gerador da madeireira dava problemas e Ichigo não podia jogar seus videogames, ele corria para seus braços e a abraçava, em silêncio.

À noite Ichigo tinha muito dificuldade de dormir. Uma vez ele disse para Amaya que tinha medo de dormir e nunca mais acordar. Assim, o garoto só dormia depois que Amaya murmurasse uma canção de

ninar, acariciando seus cabelos. Sem canção, sem sono. E mesmo com Amaya murmurando o “nana neném”, a melodia favorita de Ichigo, isso não garantia uma noite de sono tranquilo ao garoto.

A recordação de seu filho espalhou uma nuvem fria de desespero no ventre de Amaya. Já eram mais de dez horas, a chuva torrencial tinha atrasado o seu retorno para a madeireira. Ichigo já deveria estar dormindo, porém, sem ninguém para acalmá-lo e niná-lo, Ichigo devia estar acordado e com medo. E em meio a uma escuridão assustadora.

Nesse momento Amaya e Sérgio ouviram uma voz fraca e chorosa vindo de uma das casas que circundavam os galpões de corte e armazenamento de madeira.

__ ICHIGO!__ gritou Amaya. Antes que Sérgio a pudesse agarrar, Amaya saiu da Kombi e se

virou,correndo, em direção à casa de onde escutara a voz de seu filho. Em seu desespero, Amaya escorregou na maldita lama vermelha e caiu no chão. Sérgio chegou rapidamente até onde ela estava.

— Dona Amaya! Volte para a Kombi, tem algo errado aqui!

Os dois viram a porta de uma das casas dos engenheiros florestais se abrir. Um homem ensanguentado caiu pela porta aberta. Amaya gritou horrorizada, sem forças para fechar os olhos.

No chão, se arrastando por entre o barro, estava o engenheiro Hideki. Seu rosto era uma máscara distorcida de dor e aflição. Entre golfadas de sangue, o engenheiro gritava:

—*Tasukete kudasai... Cof! Kega wo shiteimasu... Aaaaargh! Wani... WANI...WANI!*

Sérgio se aproximou para ajudar o homem; porém, conforme o engenheiro se arrastava para longe de sua casa, uma cena grotesca paralisou o motorista: algo havia arrancado as pernas do japonês! O sangue do engenheiro jorrava por entre músculos rasgados e ossos esmigalhados, enquanto seu arrastar criava um rastro de sangue e lama que se perdia nas trevas da casa de onde saía. Amaya continuava gritando histericamente. Recuperando-se do choque, Sérgio continuou se movendo em direção ao motorista. Todavia, um par de olhos brilhantes e avermelhados surgiu na escuridão por trás da trágica figura do engenheiro japonês.

__ WANI! __ gritou Hideki.

Outros olhos escarlates cintilantes se abriram nas sombras de todo o centro madeireiro. Um estranho e gutural bramido ensurdecador encheu o ambiente, abafando o som da chuva. O som era tão aterrorizante

que Amaya parou de gritar, petrificada pelo terror que sentia. Como uma criança de seis anos poderia sobreviver a isto? Sérgio apontou sua pistola em direção à criatura atrás do agonizante engenheiro e gritou:

— Vamos voltar para a Kombi, Dona Amaya!
AGORA!

Nesse instante, a criatura que estava por trás do engenheiro saiu rapidamente da casa. Era uma criatura enorme, de seis metros de comprimento, caminhando sobre quatro patas poderosas. A chuva escorria por sua pele completamente negra. Suas escamas se torciam, revelando músculos potentes por baixo. A criatura parou ao lado do engenheiro e abriu sua bocarra, dois arcos mortais de dentes afiados. O engenheiro apenas arregalou os olhos, esquecendo-se momentaneamente a dor horrenda que sentia. Sérgio não acreditava no que estava presenciando. Era um enorme jacaré-açu, o

famoso jacaré de pele negra do Amazonas. Contudo, algo estava muito errado com o animal. Sua pele era escura demais, sem o tom verde-escuro de um jacaré-açu comum, como se estivesse apodrecida. Os olhos do jacaré brilhavam com uma luz rubra, infernal. E para completar a visão assustadora do enorme réptil, partes do corpo do jacaré-açu estavam sem pele ou carne, com as costelas e algumas entranhas apodrecidas a mostra. O monstro se virou para Sérgio e Amaya mostrando um enorme buraco de espingarda no meio dos seus olhos, por onde parte do cérebro da criatura escorria em um líquido acinzentado.

__ Valei-me Deus...__ murmurou o motorista.

O monstro estava enfurecido. Sérgio atirou no animal três vezes, se esforçando para manter sua Taurus PT-100, molhada e enlameada, firme em sua mão. As três balas acertaram o torso do jacaré-açu, e a criatura, que estava prestes a devorar o engenheiro, se

virou em direção a Sérgio. Mas, ao invés de se movimentar em direção ao motorista, o monstro se voltou novamente para o engenheiro e, com um rápido movimento, mordeu sua cabeça e a parte superior do seu corpo. A cabeça de Hideki explodiu como um balão cheio de sangue interrompendo seu grito final de pavor. Entretanto, o jacaré, ao invés de devorar o corpo, jogou o cadáver para o lado com um movimento violento. Sérgio voltou a atirar, porém a chuva estava atrapalhando sua mira. Ele sentiu a mão de Amaya segurando seu braço esquerdo.

__ Pare de atirar! VEJA! AAAAAHHHHH!__
gritou Amaya.

Sérgio se virou. De todas as casas do complexo, vários outros jacarés-açus surgiram, tão monstruosos quanto o que estava próximo a eles. Muitas das criaturas carregavam em suas presas pedaços dos corpos de suas vítimas. Um enorme jacaré-açu, com

um dos olhos escarlates vazados por um ferimento de bala, saiu do galpão de depósito de madeira arrastando um madeireiro, que estava com seu braço direito e parte do seu ombro ainda agarrados na bocarra dado monstro. Amaya não se lembrava do seu nome, apesar de recordar que ele costumava agradar Ichigo presenteando o menino com simples brinquedos de madeira; cavalinhos, pássaros, carrinhos. O madeireiro, um ribeirinho de feições indígenas, ainda tinha forças para gritar, atraindo a atenção de outros dois jacarés que estavam por perto. O pobre coitado tentava sem sucesso se soltar das presas do jacaré que o arrastava pela lama vermelha. Atraídos pela movimentação do madeireiro, um dos dois novos monstros não tinha parte do crânio, enquanto o outro rastejava usando apenas as patas dianteiras, pois não possuía mais a parte inferior do corpo.

Os dois répteis se aproximaram rapidamente e cada um mordeu uma das pernas do madeireiro. Em uma dança mortal, os três jacarés giraram seus corpos massivos, deslizando na lama vermelha e fazendo com que o corpo do madeireiro se partisse em três partes, cada uma jogada para longe, em direções opostas. Em seguida, as três abominações se viraram para a direção de Sérgio e Amaya. O jacaré que tinha destroçado o engenheiro japonês emitiu um som horrendo e partiu em disparada em direção aos dois.

Sérgio agarrou Amaya pelo braço e correu para a Kombi. A nissei estava quase desmaiando, tamanha era a força do terror que sentia. Os jacarés mortos-vivos se aproximavam cada vez mais rápido. Um deles, o primeiro que viram na madeireira, já estava a poucos metros das pernas de Sérgio. Por pouco o monstro não arrancou a perna direita do motorista, no momento em

que Sérgio empurrou Amaya para dentro da Kombi, e se jogando para o banco dianteiro logo em seguida.

Sérgio fechou as portas da Kombi imediatamente, que quase cederam sob um impacto fortíssimo do jacaré que o estava perseguindo. Mais jacarés se juntaram ao primeiro e o som dos impactos de suas presas retumbava no interior do veículo. Amaya olhou aterrorizada para Sérgio. O motorista parecia saber algo sobre aquilo, ele segurava uma pequena medalha de Nossa Senhora que trazia em uma corrente dourada em seu pescoço enquanto murmurava:

— Isso é vingança... vingança da selva...Minha Nossa Senhora, me salve!

Antes que Amaya perguntasse alguma coisa, um forte impacto sacudiu a Kombi. Os monstros que haviam cercado o veículo, agora tomavam distância e

se atiravam violentamente contra a lataria, tentando chegar até os dois. Amaya gritava enquanto Sérgio tentava inutilmente, dar partida na Kombi.

“Mamãe, cante uma canção para mim, eu não consigo dormir...”

__ICHIGO!__ gritou Amaya. Ela tinha ouvido em sua mente a voz do seu filho, cortando por entre as ondas de terror que sentia. Ele estava vivo, chamando por ela! Ela tinha que sair da Kombi, ela tinha que salvá-lo! Amaya agarrou a maçaneta interna da porta dianteira da Kombi, que já estava toda amassada graças aos impactos violentos dos monstros. Todavia, antes que a nissei abrisse a porta, Sérgio segurou seu braço.

__ Você está louca? __ protestou Sérgio. Amaya nem olhou para o motorista. Aflita, ela tentava se soltar do braço forte de Sérgio.

— Me solte! Meu filho está lá fora!

Antes que Sérgio respondesse, um impacto fez com que a Kombi capotasse. A última coisa que Amaya sentiu foi um forte impacto em sua cabeça. Em seguida, um véu de escuridão encobriu sua visão. No meio das trevas ela viu o rosto choroso do seu filho Ichigo, implorando por sua ajuda. Seus olhos castanhos claros estavam cheios de lágrimas, e a dor expressa neles rasgava o coração de Amaya. Ao seu lado estava uma sombra enorme, uma coisa feita de vazio e maldade, selvagem e aterrorizante, e sorrindo, abraçou Ichigo e o engolfou em trevas. Com um grito, Amaya se entregou à morte. Ou ao que ela pensava ser a morte.

Algumas horas depois, uma dor lancinante na nuca a trouxe de volta a consciência. Sérgio estava na sua frente completamente sujo de sangue. Apoiado na janela quebrada do veículo, que ainda estava de cabeça para baixo, o motorista apontava sua arma para fora da

Kombi, mirando por um enorme buraco aberto no teto da Kombi. Seu braço estava cheio de cortes profundos, salpicados com os cacos de vidro verde-embranquiçado das janelas da Kombi, que pareciam estar por todos os lados. Sérgio rezava o pai-nosso baixinho, mordendo sua medalhinha de Nossa Senhora, enquanto olhava tenso para a escuridão para além dos vidros dianteiros trincados da Kombi. Ele escutava apenas o som ofegante de sua respiração, misturado com o tamborilar dos pingos da chuva sobre a lataria do carro. Não havia mais nada lá fora. Momentos depois, a chuva enfraqueceu até parar de vez.

__ Eles foram embora? __ perguntou Amaya.

__ Sim...__ exclamou Sérgio, não demonstrando surpresa pelo fato de não ter acordado. __ Nós também temos que sair daqui, Dona Amaya. A senhora

não entende, isso aí é vingança! Vingança da selva, tá me entendendo?

— Não! Não vou embora sem meu filho! — gritou Amaya, saindo do veículo.

O silêncio da madeireira só era quebrado pelo gotejar incessante vindo das árvores e das calhas dos telhados das casas e galpões. A chuva torrencial tinha acabado completamente, como se já tivesse cumprido seu papel na tragédia. Amaya cambaleava entre os destroços da madeireira, afundando seus pequenos pés na lama vermelha. Mas o local estava agora completamente vazio. Nem mesmo os pedaços dos corpos dos funcionários da madeireira, que antes jaziam espalhados pela área central circundada pelas casas e galpões, estavam presentes. No lugar dos cadáveres, Amaya viu dezenas de rastros indicando que as criaturas arrastaram os corpos para outro lugar. Nada fazia sentido; os monstruosos jacarés matando os

funcionários, o desaparecimento dos corpos, a voz de Ichigo ecoando em sua mente, a entidade ao lado de seu filho... Ela deu um passo em direção dos rastros dos corpos.

— Dona Amaya, não siga por aí! Vamos embora, Dona Amaya, isso não é coisa pra gente da cidade.

Amaya ignorou o motorista. Ela só conseguia pensar em seu filho Ichigo.

A floresta estava mais indócil do que jamais fora, parecendo impedir o avanço de Amaya. Galhos secos surgiam dos arbustos como mãos esqueléticas, arranhando seus braços, pernas e rasgando a parte inferior de sua blusa rosa. Manchas de sangue surgiam sob os rasgos feitos pelos galhos. Seus tênis, completamente enlameados, dificultavam muito o seu caminhar, mas Amaya seguiu em frente, pensando apenas em seu filho. "Quem irá cantar uma canção de

ninar para ele agora? Ichigo, eu estou chegando meu filho!", pensava Amaya, enquanto lágrimas escorriam por sua face.

— Ichigo!— gritava ocasionalmente, entre soluços de choro e tropeços causados por musculosas raízes de árvores que teimavam em surgir em sua frente.

De repente, o chão sumiu sob os seus pés. Amaya caiu em um enorme buraco aberto no meio da floresta. Algo macio e úmido amorteceu sua queda. Anisei procurou algo para se apoiar, em meio à escuridão. Um cheiro de sangue, fezes e podridão quase a fez desmaiar.

Depois que seus olhos se acostumaram com as sombras, ela viu o que estaca cobrindo o fundo do buraco. Eram os corpos destroçados de alguns funcionários da madeireira. Lá estava o Sr. Etsuya, um

engenheiro florestal amigo do seu marido, e que a tinha presenteado com um belíssimo bonsai quando chegara à madeireira a cerca de dois meses atrás. A parte inferior do corpo de Etsuya estava parcialmente devorada, e os olhos translúcidos do engenheiro pareciam suplicar por uma explicação para sua morte. Ao seu lado, a cabeça decapitada de Marcelo, o operador de tratores que sempre trazia seu filho de quatro anos para brincar com Ichigo, estava em cima do corpo eviscerado de Francisco, o gerente de operações de campo que sempre elogiava os temakis que Amaya fazia para os almoços de confraternização da madeireira. Amaya sentiu suas forças se esvaindo, uma resignação fatal tomando conta de sua alma.

O buraco era fundo demais, ela jamais conseguiria sair dali. Em meio aos corpos, Amaya sentou-se nas trevas e chorou compulsivamente. Ela estava enlouquecendo, e apenas os olhos castanhos de

Ichigo, que teimavam em aparecer em sua mente, a mantinham viva.

— Dona Amaya! Segure essa corda, Dona Amaya!

O motorista lançou uma corda até onde ela estava. Era uma forte corda azul de fibras de nylon usada para amarrar as caixas de mantimentos, que Sérgio sempre carregava em sua Kombi.

Com muito esforço, Amaya conseguiu sair do buraco, apesar de cortar um pouco as palmas da mão nas fibras da corda. Sérgio estava muito nervoso, evitando olhar para os corpos dos seus companheiros no fundo do buraco. O motorista deu um sobressalto quando Amaya segurou o seu braço, já livre da cova. Em seguida, Sérgio desabafou:

— Nós cavamos esse buraco para jogar todos aqueles jacarés que atacaram a madeireira. Esses que

estão mortos aí dentro são os que me acompanharam na caça aos jacarés. Mas a madeireira tinha muitos outros funcionários? Onde será que eles estão? Será que fugiram?

— Caça de jacarés? O que você está dizendo? — balbuciou Amaya

— Sabe, Dona Amaya, antes de você vir para esse fim de mundo, o seu marido ordenou que a área fosse toda limpa de jacarés. Eles costumavam aparecer logo na confluência dos Rios Solimões e Japurá, onde a gente transportava o mogno, ameaçando qualquer madeireiro que andasse por lá. O seu marido tinha prometido cem reais por cada jacaré morto. O pessoal endoidou com a proposta, todo mundo da madeireira entrou nessa! Cem reais, por míseros cem reais eles mataram dezenas de jacarés, até mesmo filhotes. E deixamos a mata brava com a gente, valei-me minha nossa senhora!

__ Sérgio...__ murmurou Amaya. Porém o mulato não escutava mais nada. Com os olhos fechados e chorando muito, continuou:

__ Nós matamos demais, mais do que devíamos. Foram dezenas de jacarés-açus. Não sei o que deu na gente, Dona Amaya, eu nunca fui disso. Mas o pessoal ria, gargalhava, enquanto atirava nos jacarés. E eles morriam sem chiar, sem estrebuchar. Agora eu vejo que foi tudo muito estranho! Meu Deus do céu, o que foi que a gente fez?

__Sérgio... não estamos sozinhos...__ disse Amaya, apontando para uma pequena figura que se aproximada, apoiada em um bastão que chacoalhava com esqueletos de pequenos animais amarrados com colares de contas e cascas de caramujos. Era uma velha índia, com a pele enrugada e pintada com diversos símbolos negros. Ela andava com dificuldade, agravada por uma horrenda corcunda e arrastando

uma vestimenta rústica, feita de penas e couro de jacaré. Nas costas, a velha levava um enorme saco, feito de retalhos de couros de diversos animais. Algo dentro do saco se esforçava para sair. Era uma criança!

__ Ichigo! __ gritou Amaya.

A velha olhou para Amaya. Seus cabelos lisos e ralos eram completamente brancos, assim como seus olhos cegos pela idade. Ela se aproximou até ficar a uma distância de dez metros de Amaya e Sérgio. Em seguida, a velha índia acenou para eles, pedindo que a seguissem. Amaya correu em direção à velha índia:

__ Solte o meu filho! SOLTE O MEU FILHO!

Um sorriso de dentes afiados surgiu no rosto da velha. Em seguida, a velha se virou e caminhou em direção oposta à nissei e ao mulato, embrenhando-se na mata. Amaya correu, mas por mais que tentasse, não conseguia alcançar a velha. A floresta se contorcia,

como se fosse um líquido viscoso, e a velha ia se afastando cada vez mais da nissei.

Sérgio hesitou em seguir Amaya, pois não conseguia tirar da cabeça a imagem dos seus colegas estraçalhados pelos jacarés. Ele sabia que não seria poupado pela mata. Mas ele também não tinha escolha, se algo acontecesse com Amaya e com Ichigo, sua culpa, que já era enorme, iria destruí-lo completamente. Sacando sua pistola, o madeireiro alcançou Amaya e juntos seguiram para o coração do inferno verde.

Depois de ziguezaguear pela floresta, perseguindo a velha índia que ora surgia, ora desaparecia pelos arbustos, Amaya e Sérgio chegaram até uma clareira no meio da floresta. A clareira era circundada pelos restos de uma aldeia indígena. Três ocas enormes, parcialmente destruídas, já estavam encravadas em árvores frondosas, que tinham

reclamado novamente o espaço para a selva. A atmosfera era pesada e o ar carregava séculos de isolamento. Uma estranha névoa permeava as ruínas da aldeia indígena milenar e se concentrava principalmente no centro da clareira.

__ Eu nunca tinha visto esse lugar, e olha que conheço essa região desde pequeno... __disse Sérgio.

A névoa começou a se movimentar, revelando centenas de índios mortos no centro da clareira. Seus cadáveres tinham uma cor esverdeada e suas peles estavam perfuradas com vários buracos de bala. Apesar de parecerem estar mortos por muito tempo, algo impedia sua decomposição, como se a própria floresta houvesse decidido preservar seus corpos. Eles estavam amontoados uns sobre os outros, formando uma montanha profana de morte. A velha estava perto dos cadáveres, em frente a maior oca da aldeia abandonada. Ela não estava carregando o seu saco de

couro e sacudia seu bastão, cujos penduricalhos feitos de ossos de diversos animais soavam como chocalhos feitos de morte.

— Meu filho... por favor...— soluçou Amaya, andando em direção à velha índia. A misteriosa anciã sorriu e apontou para Sérgio. Suas unhas eram enormes e negras, recurvadas nas pontas. Sérgio arregalou os olhos e segurou com força o seu revólver. Amaya entendeu o que o macabro gesto da velha queria dizer: ela trocava Ichigo pelo motorista. Sem pensar, Amaya murmurou um “sim”. A velha gargalhou e um som horrendo preencheu o silêncio do lugar, algo que soava como uma mistura de gritos de animais da floresta, bramidos e piados, chiados e sibilos, brados e rugidos. Sérgio, pressentindo o perigo, gritou:

— Não! O que está acontecendo? O que você falou Dona Amaya? Não! NÃO! EU NÃO QUERO MORRER!

Em seguida, o motorista atirou na cabeça da velha índia. Amaya gritou enquanto o corpo da velha caía no chão, como um punhado de galhos secos. Imediatamente, a nissei correu para enorme oca, de onde a velha índia tinha saído. Passando pelo corpo inerte da anciã, Amaya entrou na oca. O local estava completamente escuro e um forte odor fétido e nauseante quase a fez vomitar. Era o cheiro de carne humana apodrecida, como Amaya pode perceber, caminhando por entre pilhas de ossos e corpos parcialmente devorados. Eram os restos dos outros funcionários da madeireira.

Sérgio, ainda tremendo pelo assassinato que cometera, entrou na oca logo em seguida. Exausto, o

motorista sentou no chão, com as costas na parede ao lado da entrada.

__ Eu não vou morrer aqui! Eu não vou morrer nesse inferno!__ repetia o motorista.

Amaya o ignorou. Em um dos cantos da oca, ela viu o enorme saco de couro. Ele estava aberto e jazia vazio no chão enegrecido por sangue seco. Mais ao fundo, em meio às sombras, a nissei escutou o som úmido de alguma coisa se alimentando de carne. Ela se aproximou com cautela.

Era Ichigo. Sua pele estava coberta por escamas verde-escuras, como dos jacarés-açus que destroçaram a madeireira. Suas mãos terminavam em unhas negras afiadas como as mãos da velha índia. Seu rosto estava distorcido e sua boca se alargava, quase tocando suas orelhas, e uma fileira de dentes afiados como facas

arrancava nacos de carne de um braço de criança. O resto do cadáver estava no chão, perto de Ichigo. Era o corpo de Luiz, o filho de sete anos de um dos operadores dos tratores da Akusai, e que estava passando a semana com seu pai na madeireira, antes do início das aulas em Tefé.

__ Ichigo... largue isso... venha para cá...__ murmurou Amaya, petrificada e com lágrimas escorrendo descontroladamente de seus olhos.

Ichigo parou de se alimentar e olhou para sua mãe. Seus olhos ainda tinham o belo castanho claro que tanto marcaram Amaya, porém, suas pupilas tinha um formato vertical, como as de um jacaré-açu. Ichigo abriu a boca, totalmente manchada de sangue grudento, e emitiu um balido gutural que tirou Amaya de sua paralisia. Amaya gritou e Sérgio, assombrado com a visão monstruosa do menino, atirou.

__ NÃO! __ gritou Amaya, pulando em cima de Sérgio e arranhando sua face. Sérgio caiu de costas no chão, disparando novamente sua pistola. Amaya caiu junto com Sérgio em meio aos corpos, porém os gemidos de dor vindos de seu filho a fizeram levantar imediatamente. Ela correu em direção à Ichigo. O menino estava em pé, com um fumegante buraco de bala em seu peito.

__ O que foi que eu fiz! O QUE FOI QUE EU FIZ!__ berrou Sérgio, enquanto se arrastava para fora da oca.

Amaya abraçou seu filho, que imediatamente começou a entrar em convulsões. Pouco a pouco, o corpo do menino foi se transformando, o que fez que Amaya o soltasse. A boca de Ichigo se projetou para frente enquanto seus olhos iam se repartindo para os lados. Seus cabelos caíam à medida que seus membros iam se encurtando. As escamas verde-escuras da pele

do menino cresceram e se tornaram mais duras, cobrindo totalmente seu corpo, que se metamorfoseou em um corpo de um jacaré-açu enorme.

O monstro olhou para Amaya e para Sérgio, que já estava saindo da oca. Em seguida, a criatura partiu rapidamente na direção de Sérgio, que berrava desesperado. Amaya foi atrás.

Amaya viu Sérgio se levantar, enquanto seu filho, agora transformado em um jacaré-açu monstruoso, se aproximava dele vagarosamente. Atrás de Sérgio, os cadáveres dos índios que estavam empilhados no centro da aldeia começaram a se levantar. E a transformar em monstruosos jacarés-açus mortos-vivos, tal como Ichigo. Seus corpos continuavam apodrecidos, com marcas de balas e ferimentos por todos os lados. Os monstros cercaram Sérgio, sem esboçar nenhuma ação. Sérgio começou a rezar:

__ Pai nosso que estais no céu...__ porém parou quando viu que os monstros começaram a se mexer, se afastando para dar passagem a velha índia, que caminhava vagorosamente na direção de Sérgio, ainda com o buraco de bala em sua testa causado pelo motorista.

__ Aqui, o Pai não tem nenhum poder, homem-das-cidades. Aqui é o território da Mãe. __ disse a velha, sua voz soando como o clamor milenar da dor de todas as fêmeas do planeta. Em seguida ela se virou para os monstros, e abrindo seus braços completou:

__ E estes aqui são os meus filhos...

Sérgio mal teve tempo de gritar. Os jacarés, liderados por Ichigo, atacaram o motorista com uma voracidade e fúria impressionante. Amaya virou o rosto enquanto Sérgio era dilacerado pelos monstros. Depois do massacre, Ichigo, agora em forma humana,

se aproximou dela e segurou sua mão. As escamas da pele de seu filho eram ásperas e frias ao toque, mas, nada mais importava para Amaya. Sua mente estava esstraçalhada, a realidade havia se transformado em um pesadelo sem fim, mas ela não estava mais sozinha. Enquanto ela pudesse fitar os olhos castanhos claros de seu filho, ela podia aceitar tudo.

A velha se aproximou de Amaya e Ichigo, com uma sombra gigantesca envolvendo seu corpo, uma entidade feita de trevas e dentes, de vários braços carregando centenas de cabeças decepadas, sombras dentro de sombras, vários graus cada vez mais profundo de trevas delineando dor, desespero, ódio e vingança. A dor de todas as mães por todas as eras. A dor da Grande Mãe que gerou todas as criaturas da Terra. A sombra envolveu Amaya e seu filho.

__ Seja bem-vinda, irmã. Meus filhos são agora os seus filhos, meu corpo é agora o seu corpo. E assim será por eras, até que uma nova irmã surja. O fardo da dor da Mãe é seu agora. __ disse a velha, à medida que seu corpo ia se transformando em cinzas.

A sombra entrou no corpo de Amaya, infundindo ela com o conhecimento dos milênios de vida da entidade. Imagens dos primeiros seres surgindo no líquido primordial, pequenas criaturas que rapidamente, em meio à fúria da sobrevivência, foram se desenvolvendo em criaturas maiores e mais complexas inundaram a consciência de Amaya. Ela era agora parte da origem e da dissolução das coisas, ela era uma das facetas da Mãe, ela era a Mãe a criadora, a protetora e a destruidora de todas as coisas. Ela sentiu outras como ela, em outras partes do planeta, tentando conter o câncer destruidor do Pai e dos filhos do pai,

que em seu afã de negá-la, de se libertar de seu útero-planeta, trilhavam um caminho de autodestruição.

Enquanto sua humanidade se esvaia de sua consciência, Amaya abraçou o seu filho. E à medida que se tornava uma deusa, Amaya cantava baixinho:

“Nana neném

Que a Cuca vem pegar

Papai tá na roça

Mamãe foi cozinhar”

EPÍLOGO

Yasuichi deitou em sua cama, no acampamento improvisado próximo a madeira abandonada. O cefalium que tomara não conseguiu aliviar a enxaqueca

avassaladora que tomava conta de seu cérebro. Ele ainda estava chocado com o que acontecera, a madeireira totalmente destruída e abandonada. E o pior, nenhum corpo, ninguém da madeireira tinha sido encontrado. Nem mesmo sua esposa e seu filho.

__Amaya... A culpa foi toda minha! *Baka! Baka! Bakayarou!* Eu sou um idiota, como pude trazer os dois para essa maldita floresta!__ murmurava Yasuichi, entre lágrimas e a dor lancinante da enxaqueca.

O ambicioso diretor da Akusai havia retornado antes do que previra, depois da perda total de contato com a madeireira. Ele tentou controlar suas emoções enquanto coordenava as buscas por sobreviventes. Ninguém, nem mesmo a guarda florestal, sabia explicar o que acontecera. Havia sinais de ataques de animais por todos os cantos da madeireira, talvez jacarés, mas Yasuichi sabia que isso era impossível. Ele mesmo tinha garantido que não haveria nenhum jacaré

na região, ele tinha autorizado o massacre dos animais que infestavam a confluência dos Rios Solimões e Japurá, e que dificultavam o transporte ilegal do mogno. Não era algo que tinha gostado de fazer, mas era necessário para a Akusai. Foi necessário para sua carreira.

E agora sua esposa e seu filho haviam desaparecido.

Um forte barulho vindo do acampamento o acordou de um breve cochilo. O som de gritos de dor e os estrondos de barracas sendo destruídas o tiraram da cama imediatamente.

__O que está acontecendo! Teruya! __ gritou Yasuichi, chamando seu assistente, que estava em uma barraca na frente da sua.

__AAAAAAAHHHHHHH! __ escutou como resposta. Yasuichi, colocando uma camisa por cima do

pijama branco que estava vestindo, se moveu para sair da barraca quando viu duas figuras manchadas de sangue da cabeça impedindo sua saída.

__Amaya?__ murmurou Yasuichi, quase não reconhecendo sua esposa. Ela estava nua da cabeça aos pés, completamente banhada em sangue. Ela chacoalhava levemente um bastão com ossos de diversos animais pendurados. Para Yasuichi, sob o efeito da enxaqueca, o som dos pequenos ossos era ensurdecedor.

__ Ichigo, veja seu pai finalmente retornou. Dê um abraço nele, meu filho...__ disse Amaya se virando para seu filho, que, também completamente nu e molhado de sangue, olhava curioso para seu pai.

__Amaya...__ murmurou Yasuichi, imobilizado pelo absurdo da situação.

Ichigo foi se aproximando de seu pai, seu corpo se transformando em um jacaré-açu, de maneira natural e suave. Seus olhos castanhos claros olharam para Amaya enquanto devorava Yasuichi. Amaya sorriu. Eles estavam nos braços da Mãe, não havia nada a temer. Nunca mais.

Escrito por Newton “Tio Nitro” Rocha Júnior

(prof.newtonrocha@gmail.com)

NitroContos – Contos de Ficção Científica, Fantasia e

Horror

<http://nitrocontos.wordpress.com>



NANA NENÉM

Uma história de horror amazônico.



Em plena Floresta Amazônica, uma jovem mãe parte em uma jornada desesperada em busca do seu filho.